

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Rio,
cidade solar

O Rio amanhece devagar. Primeiro, uma claridade tímida atrás das montanhas. Depois, um fio dourado atravessando as nuvens. Até que o sol aparece. Inteiro. Quente. Quase atrevido. É quando o fotógrafo carioca começa a trabalhar. Não há despertador mais eficiente do que a luz. Ela chama.

Sai pelas frestas da janela. Escorrega pelos prédios. Toca o mar. Acorda os coqueiros. Beija o Corcovado. E, por alguns minutos, transforma uma cidade conhecida em outra completamente nova. O fotógrafo sabe. Por isso madruga. Sabe que a primeira luz não ilumina apenas. Revela.

O Pão de Açúcar ganha contornos de desenho. A Baía de Guanabara vira um espelho. A névoa sobre as montanhas parece fumaça de um velho filme. E o carioca, ainda sonolento, atravessa a calçada carregando o pão, o jornal, o cachorro, a pressa. Sem perceber que está dentro de uma fotografia. Depois vem o dia. A luz muda. Fica mais dura. Mais branca. Mais impiedosa. Mostra tudo. As fachadas. As cicatrizes. Os muros. As árvores. A beleza e as pequenas imperfeições de uma cidade que nunca foi feita para ser perfeita. Mas o fotógrafo espera. Porque sabe que o Rio guarda seu melhor segredo para o fim da tarde. Então o sol começa a descer. A cidade se acalma.

O dourado toma conta das montanhas. Os edifícios recebem uma última pincelada. O mar deixa de ser azul e começa a experimentar outras cores. Laranja. Âmbar. Rosa. Vermelho. No Arpoador, as pessoas param. Por alguns minutos, ninguém tem pressa. Até o aplauso chegar. É o Rio agradecendo ao sol. E o fotógrafo, silencioso, procura o instante. Aquele segundo em que a luz encontra o rosto de alguém. O barco passa diante do horizonte. Uma gaivota atravessa o quadro. O Cristo fica recortado contra um céu incendiado. Clique. A fotografia nasce. Mas não é apenas uma fotografia. É memória. Vinicius de Moraes, o Vininha, talvez tenha entendido melhor do que ninguém essa relação entre o carioca e o sol. O morador desta cidade parece mesmo nascer com uma vocação para ser “colorido pelo sol”.

E talvez seja justamente isso que faça do Rio uma cidade diferente. Aqui, a luz não é apenas fenômeno. É musa. É personagem. É companhia. Está nos cabelos dourados de quem corre pela orla ao amanhecer. Na pele salgada depois do mergulho. No rosto envelhecido do pescador. Na menina que brinca na areia. No casal que observa o horizonte sem dizer palavra. O fotógrafo carioca conhece essa intimidade. Ele sabe que pode fotografar a mesma paisagem mil vezes e nunca será a mesma fotografia. Porque o Rio muda conforme a luz. E a luz muda conforme o tempo. Talvez por isso o carioca olhe tanto para o céu. Não é distração. É hábito. É procura. É esperança. No Rio, amanhecer e entardecer são dois grandes estúdios a céu aberto. Sem paredes. Sem teto. Sem hora marcada.

E quando a última faixa de luz desaparece atrás das montanhas, o fotógrafo guarda a câmera. Por hoje, basta. Amanhã haverá outro amanhecer. Outra luz. Outra fotografia. E, provavelmente, mais um carioca caminhando pela cidade, distraído e feliz, sem perceber que, mais uma vez, está sendo delicadamente colorido pelo sol.

